

O PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

Ana Cristina de Araújo Batista

RESUMO

Atualmente a inclusão se tornou um dos assuntos mais discutidos na sociedade, entretanto, há algumas décadas atrás as pessoas consideradas diferentes ou fora dos padrões normativos eram excluídas e segregadas. Como forma de garantir a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, foram criadas leis para possibilitar o acesso dessas crianças em escolas regulares, sendo assim, tais crianças ficam em um período na escola regular e no contra turno em uma escola especial, tal iniciativa favoreceu o processo de inclusão. Considera-se a educação inclusiva fundamental para todos esses progressos conquistados, hoje ter uma criança autista dentro de uma sala de aula, sendo incluída com outras crianças consideradas “normais”, é um ganho enorme para esse movimento. Portanto, a educação inclusiva vem rompendo paradigmas jamais questionados em décadas anteriores, como por exemplo, o isolamento dessas pessoas que eram vistas somente pela sua particularidade, e através da elaboração dessa lei essas pessoas hoje tem voz, tem direito, tem estímulos, tem reabilitações, tem respeito, e, sobretudo, são vistos como sujeitos de deveres e direitos.

Palavras-Chave: Inclusão. Aprendizagem. Desenvolvimento. Educação.

1- INTRODUÇÃO

A educação inclusiva surgiu como uma conquista dos inúmeros movimentos que acreditavam que incluir crianças com deficiência/transtorno em sala de aula traria resultados positivos para o seu desenvolvimento e o estimularia para adquirir novas habilidades, respeitando sempre o seu potencial e sua limitação.

Ainda percebem-se muitas barreiras nesse meio, e principalmente alguns “boicotes” frente a movimentos que lutam a favor dessa inclusão, entretanto devido ao número crescente de diagnósticos de pessoas com deficiência ou transtorno, a temática vem ganhando proporções midiáticas, e isso têm trazido inúmeros benefícios, como por exemplo, a desmitificação e esclarecimento dos transtornos para a sociedade, tal situação contribui para a indignação, fiscalização e luta das pessoas para a efetivação das leis já garantidas.

Frente a essa constatação o presente trabalho tem como tema analisar o processo de inclusão da criança com transtorno do espectro autista no ensino regular.

A presente investigação, portanto, parte do seguinte problema de pesquisa: qual a importância do processo inclusivo para a inserção da criança com transtorno de espectro autista no ensino regular desde a educação infantil?

Aventa-se a hipótese de que para que seja realizado um processo inclusivo eficaz da criança autista é necessário que se tenha conhecimento sobre as questões comportamentais dessa criança, para que se busque a melhor forma de realizar uma aprendizagem que seja realmente efetiva, sempre levando em conta suas limitações.

O objetivo geral do trabalho é mostrar a importância que a educação inclusiva tem para que alunos com transtorno do espectro autista possam frequentar a escola regular desde a Educação Infantil.

O que justifica a escolha do tema é o fato do rótulo autismo remeter a um conjunto bastante heterogêneo de individualidades, com níveis evolutivos e necessidades educativas são bastante diferentes. mas é preciso considerar que, embora exista uma alta correlação entre os níveis das pessoas autistas nas diferentes dimensões, essa correlação não é, de modo algum, perfeita.

Como metodologia adotou-se a pesquisa bibliográfica, que foi realizada através da leitura e do fichamento de obras que abordam o tema, que se encontram referenciados no final do artigo.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

Crianças autistas parecem ter grande dificuldade em reunir informações para entender a essência do que está acontecendo ou do que se espera dele. Essa dificuldade em entender a essência aplica-se ao uso da linguagem pela criança, bem como à sua compreensão de figuras, histórias, eventos e objetos.

Nas palavras de Willians e Wright (2008, p. 44):

Para as crianças com dificuldades relacionadas ao espectro do autismo, sua própria linguagem pode parecer tão confusa quanto os idiomas estrangeiros para a maioria das pessoas. Quase sempre isso acontece porque elas se esforçam muito para entender a situação, visto que não conseguem entender o significado.

A nosso ver, as crianças com autismo podem ter a conclusão errada das coisas porque tem problemas em referir-se ao contexto e detalhes, um em relação ao outro. Enquanto a maioria das pessoas faz isso intuitivamente.

Quanto ao interesse em partes de objetos a criança autista não vê o objeto como um todo, mas concentram-se em partes individuais. Isto também está ligado ao fato de não entenderem a essência, ou seja, a criança pode ver uma casa de bonecas com uma série de portas, janelas e paredes e não a vê como uma casa inteira em miniatura (FERNANDES, 2004, p. 54).

Dessa forma, a maneira como as crianças autistas veem o mundo e, sobretudo, por que podem apresentar comportamento diferente de outras crianças e pelo fato de que entender a essência para eles é algo que não conseguem realizar.

O mesmo acontece quando lhes apresentam alguma figura, certamente eles observarão apenas partes isoladas e se concentrarão em algum detalhe minúsculo que lhe desperte o interesse em vez de entender a essência ou o significado global.

Leboyer (2003, p. 131) destaca a questão das expressões faciais:

Quando as crianças estão crescendo, veem diversas expressões no rosto dos outros e veem-nas em um contexto com emoções associadas. Se não podem entender o contexto nem as emoções, então será difícil para elas guardar a expressão na memória como sendo associada a emoções ou contextos similares.

Portanto, o fato de isso acontecer também com as crianças autista dificulta também a identificação e o entendimento de expressões faciais individuais separadamente, por isso não se lembram e nem reconhecem a expressão facial geral.

Como era de se esperar, os pais de crianças com espectro autista costumam perguntar aos profissionais sobre o controle do comportamento. Embora saibamos que o comportamento nos transmite informações, mas com crianças com dificuldades do espectro do autismo essa comunicação, em geral, não é intencional, mas sim involuntária (RIVIÉRE, 1999, p.240).

Na verdade, frente ao exposto ousamos dizer que o comportamento problemático de crianças com o espectro origina-se da frustração com o fato de o mundo não fazer o que elas desejam. Além do mais se sentem o centro do universo e acham que suas necessidades são primordiais ao ponto de não terem conhecimento das necessidades alheias.

Leboyer (2003, p.73) relata que várias crianças com perturbações do espectro do autismo exercem grande poder em casa porque estão acostumadas a comandar o que acontece e quando.

Em geral, isso ocorre em consequência de vários fatores que embora seja compreensível, pode levar ao comportamento estagnado, o que acaba atrasando o desenvolvimento infantil:

Os pais acreditam que pelo fato de crianças autistas não entenderem o que se espera delas, devem ter permissão para fazer o que querem; os pais acreditam que nenhuma estratégia funciona e, portanto, podem deixar os filhos fazerem o que desejarem; pais e familiares sentem pena das crianças que apresentam essa perturbação e, assim, dão-lhes o que desejam o tempo todo; os pais ficam exaustos ou deprimidos, ou ambos, porque o comportamento de crianças autistas é incessantemente difícil.

É natural que as famílias queiram que seu filho seja um adulto capaz de ocupar um lugar na sociedade. Essa motivação costuma ser um bom ponto de partida para pensar em metas à medida que a criança cresce.

É crucial ajudar as crianças e adolescentes autistas a aprenderem comportamentos sociais aceitáveis e a evitarem comportamentos que ajam contra suas perspectivas futuras. Nesse sentido a escola tende a tornar-se verdadeira aliada dos pais contribuindo e cumprindo seu papel de desenvolver e inserir essas crianças no convívio com grupos maiores.

2.1 HISTÓRICO DO ESPECTRO AUTISMO

De acordo com Alves e Guareschi (2011, p. 275), o espectro do autismo diz respeito a uma condição que varia quando à apresentação clínica do quadro, ou seja, a forma como ele apresenta em cada criança, variando de caso para caso. A terminologia espectro sugere que as causas podem ser as mais variadas possíveis, fato esse que faz com pesquisadores do mundo todo ainda busque identificar a etiologia precisa do autismo. O espectro do autismo refere-se a sujeitos que podem variar quanto ao grau de inteligência, de um comprometimento profundo a faixa das altas habilidades. Alguns falam pouco ao passo que outros falam muito. Muitos deles usam maneirismos, estereotípias, como por exemplo, ficar rodando em um mesmo lugar. Outros usam essa energia para a busca intelectual de fatos e informações sobre questões nada comuns.

Compreendemos que os autistas possuem personalidade e características próprias, e que estas características os diferenciam de outras pessoas, podendo partir de atos simples até os mais complexos.

De acordo com Pereira (1999, p. 15), o ASD (Autistic Spectrum Disorder – Distúrbios do Espectro do Autismo) é um distúrbio do desenvolvimento que normalmente surge nos primeiros três anos de vida. Não é algo que a criança contrai e nem é causado pelos pais, é uma condição que chega à adolescência e à vida adulta, embora todas as crianças continuem a fazer progresso no desenvolvimento. Os sintomas variam em teor e gravidade, de acordo com a idade. Crianças com ASD podem ter amplitude de temperamento e QIs, todas as crianças com ASD continuarão a progredir. A maioria dos especialistas tem prazer em explicar aos pais o processo de avaliação e diagnóstico. Se você tiver alguma dúvida, não tenha medo de perguntar ou expressar suas discordâncias. O objetivo é sempre finalizar uma avaliação que dará informações para ajudá-lo a ajudar seu filho.

Percebemos a necessidade de buscar referências e embasamentos teóricos para garantir as pessoas que tem a Síndrome do Autismo um caminho correto e que possam dar meios para uma vida com qualidade.

O termo Autismo é grego e indica (autos), estão escondidas em si mesmas. Em 1943, Léo Kanner (*apud* Pereira, 1999, p. 32) descreveu sob o nome Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo, um quadro caracterizado por: Autismo extremo, Obsessividade; Estereotípicas; Ecolalia.

Creemos que toda Síndrome é estudada e avaliada por muitos estudiosos, e que geralmente um estudioso envolve-se mais que o outro, pelo empenho de realizar um estudo bem completo e instrutivo.

O espectro Autista é um contínuo, não uma categoria única, e apresenta-se em diferentes graus. Há nesse contínuo, os transtornos globais do desenvolvimento e outros que não podem ser considerados como Autismo, ou outro TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento), mas que apresentam características no desenvolvimento correspondentes a traços presentes no autismo. São as crianças com espectro Autista. (SCHWARTZMAN, 2010, p. 17).

Observamos que os vários graus da Síndrome de Autismo podem variar a vida e dar novos rumos a esta pessoa com a Síndrome do Autismo, enquanto um autista de grau leve pode ter uma vida extremamente útil, o autista de grau severo pode ter comprometimentos no seu desenvolvimento.

De acordo com Stainback (1999, p.98), o principal sintoma do autismo é o isolamento. Suas características principais são distúrbio de contato físico, atraso na linguagem e comunicação, gestos estereotipados e boa memória.

Compreendemos que o estudo das características envolve muita atenção e demanda de tempo para que possa ser realmente classificado e mantido como características referentes à determinada Síndrome.

Além de seus conhecimentos teóricos, a fim de fazer um diagnóstico, os especialistas concentram-se em fatores específicos, eles precisam ter certeza de que a criança ou jovem tem um conjunto de problemas essenciais associados à ASD. Os problemas essenciais são claros em todos os contextos, em casa e na escola ou no berçário. Os problemas essenciais são suficientemente graves. Não há outras explicações para as dificuldades. (WILLIAMS E WRIGHT, 2008, p.17).

Todo diagnóstico deve estar muito bem embasado e claro, para que os demais especialistas possam atuar de forma a colaborar na evolução de um portador de Síndrome ou de dificuldades.

Esse conjunto de sinais foi por ele visualizado como uma doença específica relacionada com fenômenos da linha esquizofrênica. O trabalho, em 1956, continuou descrevendo o quadro como uma psicose, referindo que todos os exames clínicos e laboratoriais foram incapazes de fornecer dados consistentes associados com sua etiologia, e insistiu em diferenciá-lo dos quadros deficitários sensoriais como, a afasia congênita, e dos quadros ligados às oligofrenias, novamente considerando-o uma verdadeira psicose. (Kanner, 1956 *apud* Pereira, 1999, p. 38).

Muitas características se parecem e podem confundir com outras Síndromes, mais um estudo bem feito e com base em mais de um exame pode detectar com clareza o que realmente pode ser.

A partir das definições de Kanner, surgiram alterações significativas no nível de compreensão da psicopatologia subjacente à síndrome autista. Pereira (1999, p. 23) faz alusão às grandes alterações que foram sendo introduzidas, estando, portanto baseadas, uma destas encontra-se relacionada com o fato de assumir o autismo uma perturbação pervasiva do desenvolvimento, caracterizadas por três grupos de comportamentos com diversas expressões:

Perturbações na comunicação, não tendo uma comunicação clara, sem interrupções sem ruídos e no jogo imaginativo; Interesses e atividades restritas,

repetitivas manifestações comportamentais apresenta-se na vida do indivíduo autista desde o nascimento até 36 meses de idade; Desenvolvendo-se de forma distinta do que é considerado normal para todas as crianças confundindo-se com debilidade. (PEREIRA, 1999, p.23).

A importância e a continuidade de um aprofundamento sobre a Síndrome do Autismo, pois na nossa atualidade é imprescindível dar qualidade de vida aos portadores de quais quer que sejam as síndromes.

A referência histórica de Kanner faz da síndrome autística uma maneira mais ou menos específica de estar no mundo e aí formar relações atípicas, caracterizando a ambigüidade e a diferença das duas abordagens e mesmo da avaliação diversa que permite enquadrarmos crianças diferentes.

Ainda que crianças com autismo apresentem maior probabilidade de ter pouca inteligência, algumas são inteligentíssimas. Da mesma maneira o temperamento de crianças com ASD podem diferir radicalmente. Algumas são muito tranquilas, ao passo que outras são voluntariosas. O termo ASD (Distúrbio do espectro do Autismo), não é um diagnóstico único. (WILLIAMS e WRIGHT, 2008, p.20)

Entendemos que todos os seres humanos são capazes de aprender, cada um com sua própria capacidade e que se baseando nisto que entendemos que a aprendizagem passa por vários momentos que ao ser respeitado ele pode ser rico em conhecimentos para todos.

2.2 DEFINIÇÕES E CAUSAS E DIAGNÓSTICOS

De acordo com Alves e Guareschi (2011, p. 280), o autismo se revela antes dos três anos de idade, podendo apresentar indícios já no primeiro ano de vida da criança, quando os pais percebem que a linguagem não se desenvolveu. O diagnóstico poderá ser feito por médicos, psiquiatras infantis e neuropediatras, buscando sempre a interdisciplinaridade com psicólogos, professores e demais profissionais que se ocupam da criança. Para a detecção do autismo, alguns especialistas, aplicam um questionário conhecido como CHAT (*checklist for autism in toddlers*) é um instrumento que interroga sobre o jogo social, o Jogo simbólico, o apontamento protodeclarativo.

Os autistas apresentam, para Castanedo (2007, p. 5), não só déficit na aptidão social, na comunicação, mas também eles podem ser extremamente dotados nas suas aquisições acadêmicas e intelectuais, ou seja, um indivíduo autista pode apresentar um alto desenvolvimento relacionado à área de cálculos ou música, podendo também apresentar um grande atraso em outras áreas.

Aprendemos que todos os seres humanos têm alguma aptidão e os autistas não são diferentes e que possuem capacidade de ir além daquilo que deles se esperam.

De acordo com Alves e Guareschi (2011, p. 277), a forma encontrada pela criança de através de incessante repetição de uma atividade, por exemplo, fazer com que as coisas não mudem de lugar, nem sejam substituídas, o que poderia lhe causar ansiedade e confusão pelo fato de não as encontrarem no lugar em que estavam. E esta dificuldade poderá ser entendida

em função de que seu mundo simbólico e imaginativo é precário. Sendo assim, torna-se difícil para ela compreender que as coisas mudam de lugar, mas continuam sendo as mesmas coisas, por este motivo, fala-se que os autistas resistem a alterações da rotina.

Com relação aos sentidos de ser humano, diz que olfato, tato, paladar, defendem que os autistas apresentam certos tipos de alterações como usá-los de maneira estranha, lambendo superfícies, ou até eles próprios; outra característica seria também a ausência de dores, calores, frio, sempre apresentam dificuldade a localizar a fonte de desconforto. (CASTANEDO, 2007, p. 6).

É importante o educador entender as alterações que um autista possui, para assim melhorar sua prática pedagógica, recorrendo aos seus próprios meios para poder entrar em contato com o autista em seu mundo e poder estabelecer um relacionamento.

De modo geral, para Kanner, (1943, p.244 *apud* Pereira, 1999, p.59), as primeiras características estão na parte de comunicação, relacionamento social e atividades lúdicas. Os aspectos cognitivos, a inabilidade é uma das maiores dificuldades das crianças autistas, para generalizar as coisas geralmente quando elas se deparam com certos tipos de situações, elas não vão saber como agir, mas o que complica é o fato de se caso surgirem situações parecidas, elas não vão saber como aplicar as suas experiências como um todo. Portanto surge a vulnerabilidade e o perigo, isso significa ser impossível ensinar às crianças autistas a terem essa capacidade adaptativa para todas as alterações e variações que elas vão enfrentar no decorrer da vida.

Percebemos que os aspectos cognitivos são fatores que os educadores prestam muita atenção e que através dele buscam transmitir o conhecimento e a aprendizagem.

Segundo Asperger (1994 *apud* Pereira, 1999, p.60), é possível encontrar com regularidade distúrbios de atenção para os estímulos anteriores, prejudicando o desempenho na escola. Eles parecem seguir e acreditar nas suas próprias idéias e não gostam de compartilhar e nem serem distraídas de seus pensamentos.

Compreendemos que as particularidades de todos devem ser respeitadas e que todos podem aprender algo nesta vida.

De acordo com Kanner, (1943, p.245 *apud* Pereira, 1999, p.61). Os autistas tendem a ser estimulados pela inércia. A maioria da estimulação com ambiente, insistência e perseverança. Isso explicaria o fato de os indivíduos autistas terem o seu desenvolvimento ocorrendo uma ligeira mudança nestas formas de apego intenso, que por vezes se orientarão para interesses mais cognitivos que nos períodos anteriores, sobretudo sensoriais.

A estimulação é sempre o início e o caminho da aprendizagem seja para qualquer criança normal ou portadora de síndromes.

A conduta social é sustentada e elaborada por processos cognitivos superiores. Compõem a Cognição Social a compreensão dos próprios sentimentos e ações e sua correspondência nos indivíduos da mesma espécie, bem como o reconhecimento de como as outras pessoas se sentem. (BELISÁRIO FILHO E CUNHA, 2010, p. 29).

Com relação ao desenvolvimento psicomotor, há manifestações tônicas posturais e psicomotoras, exemplo bem claro, é com relação quando a mãe se aproxima geralmente a

criança autista não estende os braços para ser pego no colo, o que torna notório sua hipotonia. Isso tem relação com o desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Para Belisário Filho e Cunha (2010, p. 29), o córtex pré-frontal encontra-se diretamente implicado no desenvolvimento da Cognição Social e, portanto, na conduta social. O estudo de pacientes lesionados revela que pacientes com lesão pré-frontal têm dificuldades na tomada de decisões e no raciocínio social. A cognição social, a função executiva e a teoria da mente estão mutuamente relacionadas. A conduta social pressupõe antecipação, flexibilidade, destinação de significados e objetivos, próprios da função executiva. Da mesma forma, é preciso inferir processos mentais, pensamentos, intenções e emoções nas outras pessoas, para sustentar uma conduta social eficaz, que tem relação direta com o que vimos em relação à teoria da mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da relevância social, econômica e cultural que assume a educação de um autista nos dias atuais na educação infantil, todos os meios que possam ser utilizados, pelas escolas e, sobretudo pelos docentes, na inclusão.

Em nosso trabalho, procuramos estabelecer quais as necessidades, dificuldades e os meios de melhor transmitir conhecimentos inerentes a um autista.

O autismo é um transtorno do desenvolvimento que causa certo fascínio e desperta nosso interesse, muito se fala que estas crianças vivem em mundos próprios, despovoado de personagens, um mundo que o outro ser não tem acesso.

Há várias controvérsias sobre o autismo, como vários sistemas de classificação ou campos teóricos. Devido ao acúmulo de conhecimentos produzidos por pesquisadores diferentes em diferentes partes do mundo.

O autismo também é conhecido como autismo clássico, síndrome autística típica, transtorno autista, autismo infantil, autismo infantil precoce, como também autismo atípico, que difere do autismo clássico, pois é um quadro que aparece depois dos três anos e a criança poderá não apresentar déficits no âmbito das integrações sociais e na linguagem, bem como se observa a inexistência de comportamentos repetitivos e estereotipados.

Confirmamos, pois, diante dos estudos realizados acerca de educação de um autista, ser riquíssimo, tornando-se um material didático muito proveitoso para aprender e transmitir os conhecimentos adquiridos.

O espectro do autismo refere-se a sujeitos, que podem variar quanto ao grau de inteligência, de um comportamento profundo a faixa de altas habilidades. Alguns falam pouco ao passo que outros falam muito, o espectro autismo envolve uma patologia que varia amplamente em seu grau de seriedade, porém mantêm em comum certos sintomas característicos, como dificuldade de interação social, de comunicação e comportamentos repetitivos padronizados.

No entanto, enfatizamos a necessidade de o educador conhecer a fundo as necessidades e os métodos de alfabetização de pessoas do espectro autismo.

Em reforço a essas considerações, vale frisar que nossa pesquisa não esgota o assunto, pois ele pode desdobrar-se em pesquisas de maior fôlego, que exijam maior tempo de consulta teórica sobre a relação aprendizagem e transmissão de conhecimento, além da pesquisa meramente bibliográfica: tais como pesquisa de campo e pesquisa-ação, a fim de se confrontarem os pressupostos teóricos com os dados empíricos coletados na vivência em sala de aula.

Todavia em que pesem as limitações de nosso trabalho, ele tem a virtude de apontar caminhos a futuros pesquisadores, além de servir de referencial teórico inicial para e o reconhecimento do espectro autismo.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Marcia Doralina.; GUARESCHI, Taís. **Transtornos Globais do Desenvolvimento**. In: SILUK, Ana C. P. (Org). Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011b.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira . CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Transtorno Globais do Desenvolvimento**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação especial. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará. 2010

CASTANEDO, Ana Rita de. **A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva. Ministério da Educação**, Secretaria da Educação Especial. Brasília, DF. 2007.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Terapia de linguagem em crianças com transtornos do espectro autístico**. In: Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 2004.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil: fatos e modelos**. 4 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

PEREIRA, Ana Maria dos Santos. **Autismo um guia prático**. 7ª edição, AMA. São Paulo, 1999.

RIVIÈRE, A. **O desenvolvimento e a educação de crianças autistas**. Em COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 3, 1999.

STAINBACK, S., & STAINBACK, **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.

SCHWARTZMAN, José Salomão. – **Autismo Infantil** – Brasília - Corde, 2010.

WILLIAMS, Chris; WRIGHT, Barry. **Convivendo com autismo e síndrome de asperger: estratégias práticas para os pais e profissionais**. São Paulo: M. Books, 2008.